

Ruy FAUSTO

## POEMAS



Ilustração: Rafael SILVARES

## 1. Canção da Parada do Lucas

(peça trocada, Manuel Bandeira)

*Parada do Lukacs*

- *O trem não parou*

*Nada aconteceu*

*Senão a lembrança*

da consciência atribuída

*que o tempo engoliu.*

(outubro, 2014)

## 2. Melancolia de judeu nissei

floresta de Paranapiacaba nos jardins da casa de Vila Buarque  
criadas de uniforme, crianças de babador, no colo,  
calça e suspensório, gravata, camisa com colarinho, sem paletó  
a classe média imigrante na floresta doméstica de Paranapiacaba;

muitas coisas virão em seguida, guerras, revoluções  
os pequenos crescerão, os adultos envelhecerão e morrerão,  
o novo mundo será outro, não mais novo  
os filhos não terão mais sotaque, a família imigrante será, quase,  
família tradicional brasileira;

melancolia da primeira geração indígena  
que viu morrer os que vieram de longe,  
e cuja própria morte espream  
os filhos e os netos.

Afinal, quem somos ? figuras da transição ?  
faremos novas viagens  
rumo a novas diásporas ?  
Seremos um dia, outra vez,  
família tradicional de um povo estranho ?

Melancolia da primeira geração  
que sobrevive entre cicatrizes;  
a fala, sem sotaque,  
– mas com as marcas ancestrais da grande viagem –  
dos primeiros filhos da terra.

(16-19/setembro/2015)

### 3. Zestos, I : Amores impossíveis

“Si tu veux être heureux, ne cueille pas la rose...” (Henri de Régner)

“Quando perderes o gosto humilde da tristeza. (...) quando a tua tristeza não for mais que amargura” (Manuel Bandeira)

*Se queres ser feliz,*

colha

*a rosa,*

a rosa não colhida

é perigosa;

se não podes colher,

deixa a rosa;

a rosa é espinho.

Amores impossíveis,

*o gosto humilde da tristeza:*

bebe, na pétala,

o zesto triste;

amarga, na rama,

a rosa.

(27/fevereiro/2013 a 6/dezembro/2014)



Ilustração: Rafael SILVARES

#### 4. Zestos, II: Há uma gota de sangue...

“... Há uma gota de sangue em cada poema. Relí-o há dias (...). Fiquei assombrado! Francamente: considero uma merda aquilo: só encontrei 3 versos que prenunciavam você. Não é exgero, te juro. Só 3 versos.” (Carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, de 19 de setembro de 1925).<sup>1</sup>

“Você não me magoou nem um pouquinho com a opinião sobre o Há uma gota” (Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, de 7 de outubro de 1925) <sup>2</sup> “O que faço questão é que você não se esqueça duma expressão infável que você empregou duas vezes em duas cartas diferentes sobre o meu passadismo: um ruim esquisito. Não posso me lembrar dessa expressão de você sem rir gostoso. É tão verdadeira! Sabe? quando releio coisas passadistas minhas, tenho a impressão do Mário de Andrade qui fui na casa

---

<sup>1</sup> Correspondência MA/MB, (Org.) Marcos Antonio de Moraes, Edusp, 2000, p. 241

<sup>2</sup> Correspondência MA/MB, op. cit., p. 245

dos vinte“ (Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, de 18 de outubro de 1925).<sup>3</sup>

*Há uma gota de sangue  
em cada poema.*

Há um zesto de poesia  
em sangue, esparso:  
poesia ruim  
– *ruim esquisito*;

como o amargo do alcaçuz,  
como a doçura da estévia,

como um bolero de Maria  
Grever  
irrompendo no eter,  
no hall noturno de outrora;

não há traços de sangue  
– asseguram –  
na Vereda Tropical.

(7-16/11/2013)

## 5. O trem e o tempo

São Paulo Railway  
Rua Major Sertório

A agonia trágica do telefone fixo.

(setembro 2015/ abril 2016)

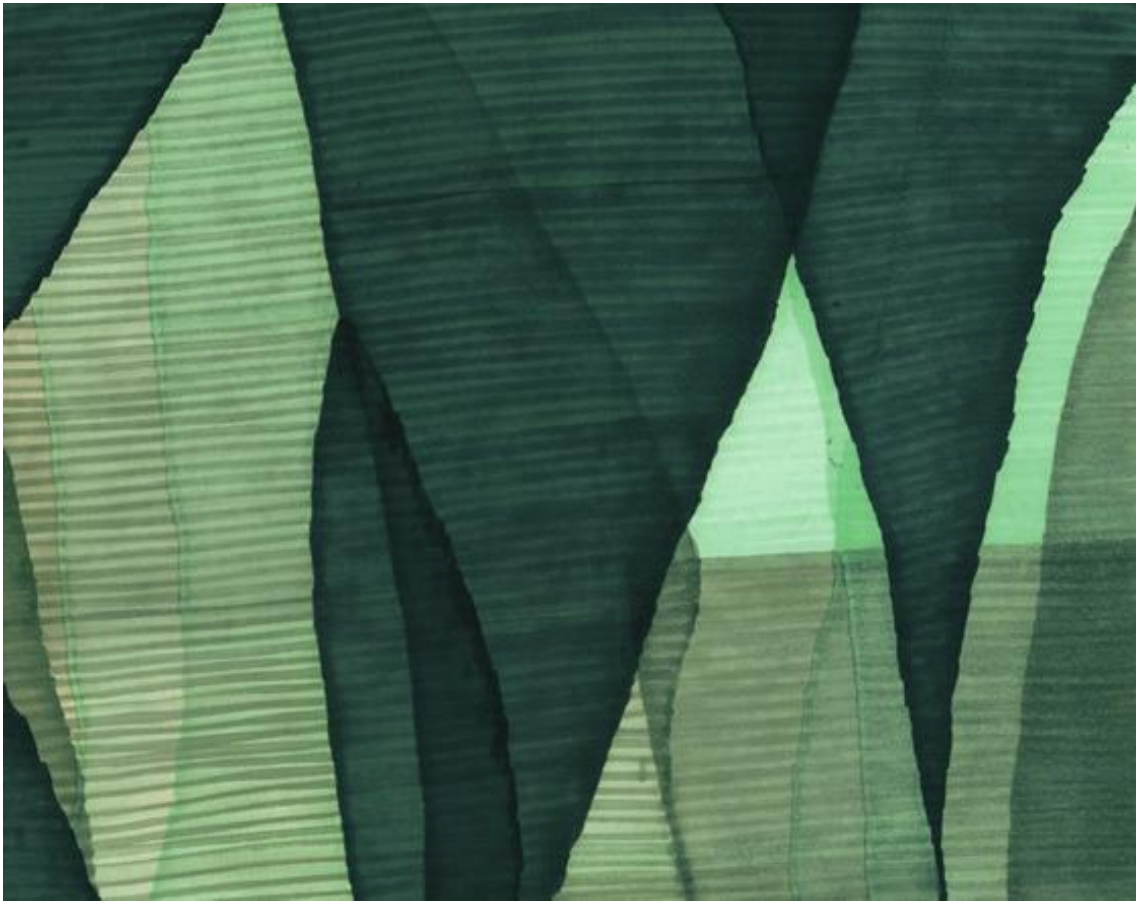
---

<sup>3</sup> Correspondência MA/MB, op. cit., p. 250

# Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037



**Ilustração: Rafael SILVARES**